OS DESAFIOS DA ESCOLA NA INSERÇÃO DOS ALUNOS AUTISTAS

Gabrieli Caroline Diniz dos Santos (Acadêmica do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Campus de União da Vitória.). Ivanildo Sachinski (Professor Mestre do Colegiado de Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Campus de União da Vitória.).

contato: gabrielicarolinediniz@gmail.com
sachinski_educa@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral buscar subsídios teóricos que abordem as principais possibilidades pedagógicas de inserção dos alunos autistas nos ambientes escolares. Para isso buscamos construir uma visão geral sobre a concepção do autismo, suas características, diagnósticos e possíveis tratamentos. Para tanto a análise do presente estudo tem como base as construções acadêmicas que abordam o tema. O autismo surgiu em 1943, quando em sua atuação profissional Leo Kanner, um psiquiatra infantil, observou um grupo de crianças que se destacavam das demais. Algumas características apontadas por ele passaram a definir o autismo, das quais as duas principais são: forte resistência a mudanças e incapacidade de se relacionar com pessoas. Sendo que os principais desafios para a escola podem ser, ensinar, principalmente quando o assunto é alfabetizar. Surgem as primeiras dúvidas, de como alfabetizar, que materiais utilizar. Apesar das muitas dúvidas é importante que o educador busque junto à escola possibilidades de aprendizagens ao aluno autista e sua permanência na mesma. A pesquisa procura refletir sobre o papel da escola na construção de ambientes favoráveis ao desenvolvimento dessas crianças, de forma que possam estar potencializando sua aprendizagem, papel essencial desses espaços e de seus agentes, os professores.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, Inserção, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema as principais possibilidades de inserção dos alunos com diagnóstico de autismo nas escolas regulares.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por uma síndrome comportamental que apresenta comprometimentos nas áreas da interação social e da linguagem/comunicação, além da presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. (APA, 2013 *apud* SANINI;BOSA, 2015, p.174)

O conceito de autismo surgiu primeiramente através dos estudos de dois médicos Leo Kanner e Hans Asperger, que investigaram crianças com comportamentos diferentes, repetitivos e alguns distúrbios, o que não eram comuns e conhecidos. Atualmente muito se tem discutido, acerca do autismo, causas, sintomas e até um possível tratamento. Mas apesar de muitos estudos sobre o tema, muitas questões continuam ambíguas e sem definições.

O incentivo a estudar o autismo surgiu da curiosidade em saber quais métodos, materiais, devemos usar com os mesmos em seu processo de alfabetização. Sendo assim, julgamos importante o presente estudo, pois este auxiliará professores com esta mesma curiosidade.

O objetivo desse estudo é buscar subsídios teóricos que abordem as possibilidades de inserção do aluno autista. E como questão norteadora quais as possibilidades de inserção de aluno autista na escola regular? Para isso, construímos o histórico da conceituação, suas definições e diagnósticos e suas possíveis metodologias no processo de alfabetização.

2 HISTÓRICO

O conceito de autismo surgiu primeiramente através dos estudos de dois médicos Leo Kanner e Hans Asperger, que investigaram crianças com comportamentos diferentes, repetitivos e alguns distúrbios, o que não eram comuns ou conhecidos. Atualmente muito se tem discutido, acerca do autismo, mas apesar de muitos estudos sobre o tema, várias questões continuam sem definições.

Do grego: *autos*, que quer dizer em si mesmo. A palavra autismo foi usada pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner, um psiquiatra infantil americano que percebeu em sua atuação profissional um grupo de crianças que se destacava das demais por duas características básicas: forte resistência a mudanças e incapacidade de se relacionar com pessoas (estavam sempre voltadas para si mesmas). (SANTOS, 2008, p.15)

O médico Hans Asperger em seu estudo, fala sobre uma síndrome autística denominada: Asperger. As crianças autistas com a Síndrome de Asperger possuem certa inteligibilidade, falam muito e de modo repetitivo.

Conforme afirma Sachinski (2009, p.131):

Em 1944 o médico Hans Asperger divulgou seu estudo, apresentando uma diferenciação em um grupo de crianças com um desenvolvimento desigual dos demais e que apresentavam características bastante similares às de Kanner.

Observamos que o autismo surgiu na literatura na década de 1940 com os dois médicos Hans Asperger e Leo Kanner. O primeiro na análise de um grupo de crianças que apresentavam um comportamento diferente das demais. Asperger em seu estudo investigou crianças que se destacavam por possuírem um conhecimento a mais do que os outros autistas. Há algumas diferenças importantes nos estudos de Kanner e Asperger. Leo Kanner estudou o autismo, algumas de suas características e sintomas, e alguns comprometimentos. Já Hans Asperger investigou um grupo de crianças que apresentavam comportamentos semelhantes com os de Kanner, porém com algumas distintas.

Bosa (2002, p.2), comenta que:

Para Kanner, tal comprometimento se fazia evidenciar pela dificuldade em adotar uma atitude antecipatória que assinalasse ao adulto a vontade de ser pego no colo (ex: inclinar o rosto, estender os braços e após, acomodar-se ao colo); um “fechamento autístico extremo” que levava a criança a negligenciar, ignorar ou recusar tudo o que vinha do exterior.

Conforme Bosa (2002, p. 2), Hans Asperger:

Ressaltou a questão da dificuldade das crianças que observava em fixar o olhar durante situações sociais, mas também fez ressalvas quanto à presença de olhar periférico e breve; chamou a atenção para as peculiaridades dos gestos - carentes de significado e caracterizados por estereotípias – e da fala, a qual podia apresentar-se sem problemas de gramática e com vocabulário variado, porém monótona. Salientou não tanto o extremo retraimento social, tal qual Kanner fizera, mas a forma ingênua e inapropriada de aproximar-se das pessoas.

Kanner e Asperger usaram o termo autismo para chamar a atenção das pessoas naquela época, sobre tal comportamento, características, pois até então era desconhecido por todos e até confundido com esquizofrenia. Por isso, construímos a caracterização baseada nos autores que discutem atualmente o tema.

3 CARACTERÍSTICAS

O autismo, também conhecido como TEA (Transtorno do Espectro Autista), é caracterizado por mudanças de comportamentos, e comportamentos repetitivos. Muitas dessas características podem ser observadas, porém outras podem gerar dúvidas. Santos citando o ministério público afirma que:

O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. (SANTOS, et al., 2014, p. 4)

O autismo não é muito comum, assim como diz Boralli, citado por Santos (2008), muitas das vezes as pessoas não sabem nada a respeito, e em alguns casos a criança autista pode parecer sem anormalidade, dificultando a identificação de sinais. O Autismo pode aparecer nos primeiros meses de vida, podendo ser identificados nesta fase, ou depois, ressaltando que os primeiros sinais costumam estar presentes antes dos 3 anos de idade.

As características clínicas do indivíduo com síndrome de Asperger são: desenvolvimento normal da fala com conteúdo anormal, tons monótonos e recorrências a assuntos preferidos; [...] (WING citado por GONRING 2012),

A criança autista pode ter certa resistência a mudança, pode apresentar comportamentos repetitivos, se isolar dos demais colegas, e tem preferência por certos assuntos e desinteresse por outros.

Ao analisarmos o autismo, é possível conhecer suas causas e sintomas. Para Aires; Araújo e Nascimento (2014, p.2):

A criança autista pode apresentar aparência totalmente normal, e também um perfil irregular de desenvolvimento. Os principais sintomas do autismo, decorrentes de problemas físicos no cérebro, são: os distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas; a reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; a fala e a linguagem ausentes ou atrasadas, certas áreas específicas do pensar, presentes ou não, ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias [...]

A criança autista pode apresentar comportamentos diferentes, como: isolar-se dos demais colegas, falar pouco e não gostar de mudanças. As crianças com a Síndrome de Asperger, tem o desenvolvimento da fala normal, porém gostam de falar sobre determinados assuntos os quais são de sua preferência. Alguns sintomas do autismo podem ser percebidos antes dos três anos de vida, e em alguns casos, os sintomas demoram a aparecer.

4 DIAGNÓSTICO

As crianças autistas possuem uma aparência física normal, igual as demais crianças, somente com o tempo que demonstram comportamentos atípicos, falas, gestuais e posturas que o diferem. (SANTOS, 2008)

Os casos podem ser descobertos com poucos meses de vida, variando de criança para criança e do grau que apresentam, em que, nem todos os autistas possuem as mesmas limitações. Algumas características autísticas podem aparecer muito cedo, até mesmo nos bebês, e estes demonstram através do choro, irritação, sono interrompido. Santos (2008, p.20) ainda afirma que:

Em alguns casos, como diagnóstico em geral, as características do bebê autista são: desinteresse pelo aleitamento materno, possui hábitos alimentares seletivos, podendo ter restrições quanto à consistência e à qualidade, agitação, choro excessivo (choro neurológico) e sono entrecortado, ou seja, conduta extremamente irritadiça, a criança é extremamente calma, ou seja, aquele bebê bonzinho que toda mãe gostaria de ter (conduta extremamente calma).

Nesse caso, é importante pais e professores fiquem atentos e identificar possíveis sinais. Assim como muitos professores estão desamparados e despreparados, existem médicos que não estão sabendo diagnosticar os casos de autismo. Moraes (2007) citado por Santos (2008, p.21) diz que: “Os médicos não conseguem reconhecer os sintomas de autismo porque não são preparados para isso”.

Santos (2008, p. 21) aponta que: [...] mais de 70% dos casos não são diagnosticados, “vejo muitos quadros claros, de autismo clássico, com diagnóstico equivocado. Os pediatras não sabem diagnosticar.” É um problema que afeta até os médicos de primeira linha. Entre as dificuldades para identificação está o fato de que ainda muito pouco se sabe, sobre as causas do autismo.

Mesmo sabendo pouco, alguns fatores podem estar associados:

[...]alguns fatores que poderiam ser predisponentes. São eles: rubéola materna, fenilcetonúria não tratada, encefalite, meningite, tuberosclerose, exposição química, desbalanceamento químico durante o desenvolvimento da criança e predisposição genética. Sobre este último, poderíamos citar a síndrome do “X” frágil. (SANTOS, 2008, p.15)

Para Boralli, *apud Santos, (2008, p.18)*:

[...] estudos e pesquisas no sentido de evidenciar alterações anátomo fisiológicas nos cérebros de pessoas autistas são realizados em vários países do mundo. Podemos citar os estudos do Dr. Gary Gaffaney (M.R.I.) – Imagem por Ressonância Magnética e os estudos do Dr. T. Hashimoto, entre outros.

O diagnóstico do autismo pelo viés clínico ainda é acompanhado de observação do comportamento da criança, e através de entrevista e conversas com os responsáveis. O Transtorno do Espectro Autista, é proveniente de causas ainda desconhecidas por todos, e não existe um diagnóstico claro, eles são diferentes, variando de acordo de criança para criança.

Cunha (2017, p. 19) afirma que, “trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce.” Percebemos que o autismo tem suas incertezas em relação as suas causas, e sintomas, e que em sua grande maioria permanece desconhecido entre às pessoas. Como afirmou Cunha, o diagnóstico tem quadros diferentes, variando de criança para criança e o grau que apresentam. Entendemos que, um conhecimento das particularidades e principalmente da caracterização do quadro de TEA são fundamentais para um planejamento e aplicação prática nos ambientes escolares, a fim de proporcionar momentos de crescimento e de formação a essas crianças.

5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ALUNOS AUTISTAS: APONTAMENTOS

Partimos do princípio que o conhecer o aluno autista e suas peculiaridades permite ao professor, organizar materiais e aulas de acordo com as necessidades do aluno, afim de que ele interaja com o meio ao qual está inserido. Assim sendo, as práticas do educador são grandes fontes para o desenvolvimento da criança e que beneficiam o processo de ensino-aprendizagem.

Para Sachinski (2009, p.132): “[...] muitas vezes, faz-se necessário adaptar a forma como são desenvolvidas as atividades, principalmente quando existem outras deficiências associadas ao autismo, como é o caso da mental e da visual.” É necessário assim, o preparo do educador para que possa receber o aluno com necessidades especiais e adapta-lo rapidamente a escola. Pois, o autista, tem dificuldades em se relacionar e desenvolver a linguagem seja ela oral ou escrita.

Para Ávila (1997),

O ponto de vista das práticas pedagógicas, o autismo um campo aberto de interrogações e tentativas de acerto e manejo; desde as práticas mais behavioristas até as recentes aproximações construtivistas, muitos trabalhos institucionais têm se voltado para a busca de métodos para educar ou ensinar o autista. [...]

Conforme a APA¹ (2013, *apud* SANINI; BOSA, 2015, p. 174):

Tais comportamentos podem ser observados durante uma brincadeira, conversa, podendo ser identificados nos primeiros anos de vida. Nesta perspectiva entendemos ser importante à inclusão dos alunos autista na escola, para que assim possam melhor se desenvolver e se comunicar.

Verificamos nos estudos de Sachinski (2009) que um dos grandes prejuízos para o desenvolvimento de alunos diagnosticados está no fato dos pais não conseguirem identificar em casa os sintomas do filho e na maioria das vezes descobrirem o autismo quando este entra para a escola, principalmente nos casos com menores implicações comportamentais e tendo em vista que cada criança possui um jeito de expressar-se. Cabe então a escola um papel fundamental, que é de identificar e atuar junto aos pais, orienta-los de como proceder, e fazer seu papel para que o aluno se desenvolva de maneira adequada.

Entendemos que, ao educador cabe se especializar e buscar diferentes maneiras de agir para com o aluno autista, procurando adaptar materiais, a sala de aula, e se preciso for o próprio currículo escolar. Algo imprescindível é a organização da rotina do aluno, visto que alguns apresentam dificuldades em se acostumar com a escola e até mesmo com a presença dos colegas, entendendo suas especificidades.

A legislação educacional vigente no Estado do Paraná (PARANÁ, 2006) propõe que as escolas possuem um “educador de apoio”, o qual tem por objetivo ajudar o professor regente em sala de aula. Este deve auxiliar o aluno autista em suas atividades sempre que necessário, fazendo com que o aluno sinta confiança nele e continue frequentando a escola para o seu melhor desenvolvimento. Vemos aqui o quão importante é o papel do professor no desenvolvimento de seus alunos, pois são eles que orientam e direcionam o caminho certo.

Segundo Gomes, Nunes (2014, p.145) “estudos nacionais e internacionais revelam que os professores se sentem despreparados para lidar com a sintomatologia autista no contexto da sala de aula comum [...]”, concordando com o autor por entender que os professores estão despreparados sim, para lidar com a síndrome autística nas salas de aulas, visto que muitos não entendem sobre o assunto, e não sabem nem como proceder em relação aos mesmos, metodologia adequada, tratamento. Nesse tema ainda, uma das dificuldades que mais aparecem nos estudos está relacionada a metodologia que os professores devem utilizar, e que entendemos ser importante coincidir com a realidade do aluno. E que supomos que a própria Formação dos professores deixa lacunas, e instituições de formação não garantem experiências com os alunos especiais, deixando muito a desejar neste sentido. Quando estes

¹ APA: American Psychiatric Association – Associação Americana de Psiquiatria

se deparam com um aluno autista, ou de qualquer outra deficiência, é uma surpresa. E ao professor cabe elaborar uma metodologia adequada ao aluno na rede comum, para que ele e a própria família sintam-se inseridos neste contexto escolar.

[...] a escola torna-se uma mediadora entre o desenvolvimento cognitivo-comportamental destes alunos, devendo não restringir o trabalho aos seus limites físicos, procurando constantemente uma interação com estas famílias, não só no intuito de diminuir os problemas a nível escolar, mas também procurando dinamizar as relações familiares e encontrar nesta família mais um aliado no sentido de desenvolver o autista, procurando de ambos os lados fomentar e proporcionar a sua maior independência. (SACHINKI 2009, p.149)

Podemos observar a necessidade de metodologias adequadas para o pleno desenvolvimento do autista, e ver o quão importante é o papel do professor, da sua metodologia, e da família. Santos (2008, p.11), afirma que é necessário compreender como as crianças autistas entendem o mundo ao seu redor, “a importância de compreender esses processos nos ajudam, a saber, o que esperar das crianças em determinada idade e de que forma elas percebem o mundo a seu redor.”

Entendemos que quando um aluno autista ingressa na rede regular de ensino, é de total responsabilidade dos mesmos (escola, professores e demais funcionários), assegurar seus direitos, bem como, sua alfabetização.

O papel da escola é fazer o reconhecido no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos com autismo consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com as outras crianças ditas “normais”. Já a família tem também um papel importante, pois é a responsável por dar atenção, os cuidados, amor e deverá zelar por toda uma vida. É necessário dispensar algumas horas para que as crianças possam se sentir queridas e mostrar o que aprenderam. (AIRES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2014, p.3)

Ao mesmo tempo, é delegado à escola o papel da alfabetização dos seus alunos e quando se trata da alfabetização de alunos autistas a responsabilidade se torna maior, pois os mesmos precisam de mais apoio, suporte e assistência e uma metodologia específica, pois possuem certas resistências em se adaptar a regras e novas rotinas.

De acordo com Aires, Araújo e Nascimento (2014, p.3):

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O professor tem a responsabilidade de dar atenção especial e sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. Deve-se entender que ensino é o principal objetivo do trabalho com crianças autistas. Ensinar coisas funcionais para a criança autista é a essência de um trabalho adequado e a persistência é um grande aliado deste objetivo.

Concordamos com o autor e entendemos que cabe ao educador, planejar e replanejar se for preciso suas aulas, adequando os conteúdos ao aluno autista de forma que ele aprenda. A escola é reconhecida como uma proposta de integração e interação entre as crianças. Segundo Gauderer (1987 apud SANTOS 2008, p. 30):

As crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem.

O aluno autista apresenta suas especificidades e, portanto, alguns se desenvolvem de forma lenta, outros apresentam um nível de inteligência mais alta; é o educador responsável por todo este processo que deve levar a interação do aluno à sua alfabetização, sendo necessário o professor adaptar suas aulas, seus conteúdos, para que desse modo, todos cheguem a aprendizagem.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS 2008, p.30)

A criança autista fala muito pouco e interage menos ainda, toda vez que a mesma desenvolver uma atividade, ou mesmo, falar algo é essencial que o educador retribua com elogios e os colegas também para que ele se sinta motivado e feliz. Essas crianças demoram a se socializar, a aprender a própria rotina e algumas, demonstram uma certa dificuldade na aprendizagem/alfabetização.

Ensinar coisas funcionais para a criança autista é a essência de um trabalho adequado e a persistência é um grande aliado deste objetivo. Todo trabalho de interação da criança com objetos e com situações do meio deve ser feito concomitantemente ao trabalho de capacitação, aos cuidados pessoais e ao lazer para socialização. As crianças autistas parecem que aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo. Por isso, quando pequenas, é interessante expô-las ao máximo a esses estímulos. (AIRES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2014, p. 6)

É importante o papel da escola para o progresso de uma criança autista, mas também a relação entre família /escola, sendo aliadas neste processo. Aprender é um objetivo importante para o aluno autista, e ensinar é um desafio para muitas escolas, principalmente quando o assunto é alfabetizar. Surgem as primeiras dúvidas: “Como? Que materiais devem utilizar?”

Estou capacitado?” embora, surjam muitas dúvidas é importante que o educador busque junto à escola possibilidades de aprendizagens ao aluno autista e sua permanência na mesma.

É importante salientar aqui, a importância de família/Escola/professor, trabalhando juntos para o progresso do aluno autista. Cada um fazendo sua parte, sendo aliados para que o autista consiga ser alfabetizado.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa desenvolvemos análise sobre a importância da escola para a inserção satisfatória de alunos autistas em espaços regulares. Com ela buscamos subsídios teóricos, para conhecermos tais metodologias, materiais, o papel do professor e da escola frente a aprendizagem da criança com autismo.

Abordamos sobre o autismo, um Transtorno caracterizado por mudanças de comportamento, comportamentos repetitivos, além de dificuldades na interação social e à rotina. Averiguou-se que apesar do TEA (Transtorno Espectro Autista), ser discutido e estudado, ele permanece desconhecido por boa parte das pessoas, incluindo pais e professores, que muitas das vezes possui um caso em sala de aula ou na própria casa, não sabendo identificar. Aliado a isto, constatou-se que para a alfabetização dos mesmos, na rede comum de ensino, pais, escola e principalmente professores se sentem desamparados. Mas ao professor cabe o progresso do seu aluno, desde a chegada na sala de aula, até a sua alfabetização.

É delegado a escola, mais precisamente ao professor, elaborar estratégias, práticas de ensino, metodologia adequada, materiais diversificados para o trabalho com o autista, para que estes consigam se desenvolver, interagir e aprender cada vez mais, é importante que, família e escola sejam aliadas neste processo.

Conforme AIRES, Araújo e Nascimento (2014), cabe aos educadores, planejar, replanejar as suas aulas, adaptar materiais, e estudar sobre o aluno autista, para que desta forma todos cheguem a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AIRES, C. S.; ARAÚJO, M. V.; NASCIMENTO, G. **Autismo**: convívio escolar, um desafio para a educação. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.
- BOSA, C. **Autismo**: atuais interpretações para antigas observações. Disponível em: <<http://peadinclusao.pbworks.com/f/palestracleonice.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro, 2017.
- GOMES, R. C.; NUNES, D. R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 143-161, jan./mar. 2014.
- GONRING, V. M. Síndrome de Asperger. In: DRAGO, R. **Síndromes conhecer, planejar e incluir**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- SACHINSKI, I. O contexto familiar e a síndrome autística: desafios e perspectivas. In: STENZLER, M. et al. **Caminhos do conhecimento**: trilhas e encruzilhadas. União da Vitória: Kaygangue, 2009.
- SANINI, C.; BOSA, C. A. Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 20, n. 3, p. 173-183, jul./dez. 2015.
- SANTOS, A. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.